Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Reg. CUT

O Espelho

CONTRAF CUT
FETEC BANCÁRIOS CUT SP

Jornal dos Funcionários do Banco do Brasil | Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região-CUT | OUTUBRO-NOVEMBRO DE 2016

JUCA VARELLA

BANCÁRIOS DO BB DERAM LIÇÃO DE LUTA POR DIREITOS

Após 31 dias de paralisação, em assembleia soberana, ampla maioria dos trabalhadores do banco público encerrou greve; mesmo em conjuntura difícil, mobilização impediu quebra da lógica de aumento real futuro

Após 31 dias de paralisação, os bancários do Banco do Brasil encerraram a greve. Em assembleia democrática e soberana, a ampla maioria dos trabalhadores do banco público aprovou a proposta da Fenaban (federação dos bancos): para 2016, reajuste salarial de 8% mais abono de R$ 3.500 (pago uma única vez), reajuste de 15% para vale-alimentação e de 10% no vale-refeição e auxílio-creche/babá; em 2017, a reposição da inflação está assegurada e garantido mais 1% de aumento real para salários e verbas.

"Foi uma luta árdua, que provou a importância da mobilização e a organização, junto com o Sindicato, de todos os bancários. Quem faz a luta é o trabalhador. Só com a sua participação efetiva na greve, nos locais de trabalho, no diálogo com os colegas, nas assembleias que definiram cada passo do movimento, conseguimos a melhor proposta possível e a anistia de todos os dias de greve. A categoria entendeu a conjuntura adversa e garantiu aumento real de 1% em 2017, seja qual for a inflação", enfatiza o diretor do Sindicato e integrante da Comissão de Empresa dos Funcionários do BB, João Fukunaga.

Na avaliação do sociólogo e cientista político Emir Sader, a greve dos bancários "inverteu a lógica do massacre dos trabalhadores por governos neoliberais".

"A mais longa greve geral dos bancários apontava para um primeiro grande enfrentamento entre o capital e o trabalho no país depois da instalação do governo golpista. A própria resistência dos banqueiros – os que mais ganham no Brasil de hoje – fazia prever sua vontade de ir para um enfrentamento em que acreditavam que poderiam impor uma grande derrota às organizações dos bancários. Para isso, contavam com o governo golpista", diz Sader em artigo publicado pela Rede Brasil Atual.

"Mas a greve demonstrou uma força e uma extensão que surpreendeu aos banqueiros, que tiveram de ir revendo suas ofertas, retomando as negociações, ao contrário da sua disposição inicial. Até que o movimento, depois de se tornar a mais longa greve da categoria, conseguiu obter condições melhores, com a recuperação em 2017 do que não se obtém este ano, com outras conquistas mais, incluído o pagamento dos dias parados", acrescenta o sociólogo, reforçando ainda que o movimento bancário é um exemplo de que, com mobilização e combatividade, é possível manter e conquistar direitos.

Assembleia – Realizada na quinta-feira 6, a assembleia dos funcionários do BB que encerrou a greve em São Paulo, Osasco e região, contou com a presença de 1.300 trabalhadores do banco público.

"A deliberação pelo fim da greve ocorreu de forma democrática e representativa. Nenhuma categoria em campanha, ou dissídio, conquistou a anistia de todos os dias de paralisação. Uma conquista histórica, que valoriza o bancário que se engajou na greve", conclui Fukunaga.

ANISTIA DOS DIAS PARADOS VALORIZA BANCÁRIO ENGAJADO

Após longa negociação com banqueiros, Comando Nacional dos Bancários virou o jogo; ao invés de reposição total, categoria conquistou anistia de 100% das horas paradas na greve

O embate entre o Comando Nacional dos Bancários e os banqueiros foi duro até o último momento. Além de fazer com que a Fenaban subisse a proposta de reajuste salarial de 6,5% para 8% em 2016, com abono de R$ 3.500 e garantia de 1% de aumento real em 2017, a negociação com os bancos resultou em outra conquista para a categoria: a anistia total dos dias parados.

"A Fenaban, através dos bancos públicos e por determinação do governo, insistia na reposição total dos dias parados, o que representaria aproximadamente sete meses de reposição para cargos de oito horas. Entretanto, o Comando foi firme e não aceitou qualquer tipo de punição aos bancários que fizeram valer seu direito constitucional de greve. No caso do BB, a anistia valoriza, sobretudo, os trabalhadores que se engajaram na paralisação e construíram a luta. Um exemplo são os funcionários do SAC/CABB, que registraram 80% de adesão, e os bancários de agências, que ao longo da greve aderiram ao movimento. Além da anistia dos dias parados, o bancário evitou que a sua força de trabalho fosse utilizada gratuitamente pelo banco na compensação das horas", destaca a dirigente sindical e funcionária do BB, Fernanda Lopes.

Segundo a dirigente, a anistia total dos dias também mostra a importância de se resolver a greve pelos meios negociais, evitando assim o arbítrio da Justiça do Trabalho em dissídio coletivo.

"Fizemos uma das mais longas greves da categoria e, mesmo em uma conjuntura política e econômica das mais difíceis, conseguimos que nenhum bancário fosse penalizado. O que mostra a importância da negociação. Em 2004, quando a greve foi para dissídio na Justiça, ficou determinada a reposição de 50% dos dias parados. Este ano, a exemplo dos trabalhadores dos Correios, muitas categorias que tiveram paralisações arbitradas pelo TST tiveram determinada a reposição dos dias parados. Além disso, em 2015, os trabalhadores dos Correios tiveram, além da reposição, sete dias descontados dos salários. No caso dos bancários, a via negocial afastou este risco de penalização do trabalhador", conclui Fernanda.

ACORDO DE DOIS ANOS ASSEGURA DIREITOS E VALORIZAÇÃO EM 2017

Em uma conjuntura econômica e política desfavorável, novo modelo de acordo garante manutenção da lógica do aumento real nas negociações com banqueiros

Aprovada por bancários em assembleias democráticas por todo o país, a proposta da Fenaban traz um novo modelo de acordo para a categoria, com duração de dois anos. Ao invés de tratar apenas dos reajustes de 2016, já ficaram acordados os índices de correção salarial e das demais verbas para 2017: inflação (INPC) mais 1% de aumento real.

"A garantia de aumento real para o próximo ano foi uma conquista muito importante, diante da situação política e econômica que o país atravessa. Com o reajuste assegurado, podemos concentrar esforços na luta por nossos direitos e na defesa dos bancos públicos, ameaçados pelo ajuste fiscal pretendido pelo governo. A PEC 241, que congela investimentos públicos reais por 20 anos, e o PL da Terceirização - que libera a terceirização até mesmo em atividades-fim - são dois exemplos de ameaças diretas à categoria bancária", afirma o dirigente sindical e bancário do BB Paulo Rangel.

Para o advogado trabalhista e assessor do Sindicato Ericson Crivelli, o acordo de dois anos foi benéfico.

"Primeiro, estamos prorrogando a vigência de uma mesa única de bancos públicos e privados, conquista de 2004; segundo, estamos numa crise econômica e a solução que se dá para isso sempre recai sobre os trabalhadores. Então, estaremos enfrentando um período de ajuste fiscal, deixando claro que no segundo ano de vigência teremos reposição da inflação e aumento real (...) Por fim, a negociação permanente se fará durante estes dois anos, quando o Comando Nacional e a Contraf poderão resgatar as comissões permanentes e tocar temas tão caros, que todo ano ficam subjugados pela necessidade da reposição da inflação", explica Crivelli.

Luta não vai faltar – Além da luta contra as ameaças aos direitos trabalhistas e sociais pretendidos pelo governo, não faltarão razões específicas para os trabalhadores do BB e seus legítimos representantes sindicais se mobilizarem.

"A luta não para. Além de defender os direitos da classe trabalhadora em geral, teremos três mesas temáticas de grande importância para os trabalhadores do BB (*saiba mais na página 3*): prevenção de conflitos, onde serão abordadas principalmente as questões do BB Digital, e das reestruturações; saúde; e igualdade de oportunidades", esclarece Paulo.

O prazo da conclusão dos trabalhos nas mesas temáticas é de 180 dias após a assinatura do acordo com a Fenaban.

PREVENÇÃO DE CONFLITOS: BB DIGITAL EM FOCO

Em mesa temática, direção do banco público e movimento sindical discutirão a preocupação com a readequação de quadros decorrente dos novos canais de atendimento

A forma acelerada como o Banco do Brasil busca expandir o BB Digital, ampliando o número das suas unidades digitais, causa enorme preocupação quanto a readequação de quadros decorrente do projeto. Por isso, será um dos focos dos debates da mesa temática de prevenção de conflitos, assegurada no acordo aprovado pelos bancários da instituição ao encerrar a greve.

"O banco pretende centralizar o atendimento Estilo e PJ nas unidades digitais, reduzindo a quantidade de carteiras e mantendo apenas a população mais carente nas agências. Isso pode levar ao fechamento desses locais e consequente diminuição do quadro de funcionários, atingindo gerentes-gerais, de negócios, de contas, caixas, assistentes e escriturários", critica o dirigente sindical e bancário do BB Felipe Garcez.

"Isso subverte o papel de um banco público como o BB, presente em todos os segmentos da sociedade. Os canais digitais ainda não contemplam a enorme diversidade de um país continental como o Brasil. Segundo levantamento do IBGE, 48,75% da população não está incluída digitalmente", acrescenta.

De acordo com o dirigente, a atuação da representação dos trabalhadores na mesa temática visará preservar os direitos dos bancários e o papel social do BB como banco público.

"Com o Estilo Digital, verificamos a concentração de duas carteiras de clientes para um único gerente de contas. Ou seja, ao invés de 300 clientes por gerente, com o digital serão 600 ou mais, diminuindo o valor da comissão em escala. Além disso, com uma carteira por gerente existe a demanda por um assistente ou escriturário. Com a concentração de duas carteiras por gerente, perdem-se também essas vagas", alerta Garcez.

"Não somos contra a tecnologia. Quando bem operada, é maravilhosa. Propicia mais tempo com nossas famílias, acesso rápido à informação e dinamiza relações. Entretanto, quando colocada a serviço do capital e não das pessoas, o resultado aniquila as relações humanas. Cobraremos que o BB adeque suas estratégias ao seu caráter público e que a direção do banco assuma um compromisso com os direitos dos trabalhadores, especialmente os relacionados aos salários", conclui o dirigente.

O prazo para a conclusão dos trabalhos da mesa temática é de 180 dias após a assinatura do acordo.

IGUALDADE: CONQUISTAS E MAIS LUTA PELA FRENTE

Campanha manteve dois dias no ano para acompanhar filhos a consultas médicas e ampliou o direito para acompanhamento em consultas odontológicas, psicológicas e reuniões escolares; mesma regra vale para que pessoas com deficiência façam manutenção de próteses ou órteses

A luta dos bancários não se resume apenas ao reajuste de salários e verbas. Uma parcela importante das reivindicações da categoria trata de melhores condições de trabalho, onde estão incluídas medidas para promover a igualdade de oportunidades para todos dentro das instituições financeiras. Neste sentido, a greve dos bancários garantiu importantes avanços.

No acordo específico proposto pelo BB, ficaram assegurados dois dias ao ano – podendo ser fracionados em horas – para acompanhar filhos com até 14 anos de idade a consultas médicas, psicológicas, odontológicas, e para participar de reuniões escolares. Mesmo critério será adotado para acompanhar filhos com deficiência, sem limite de idade. A regra também vale para que bancários com deficiência possam fazer reparos ou manutenção de próteses ou órteses.

"O machismo ainda é muito presente na sociedade brasileira. Garantir esses dias para cuidados com a saúde e educação dos filhos é valorizar e fazer justiça para com muitas bancárias que cumprem jornada dupla, em casa e no trabalho. Entretanto, a regra não exclui os pais, que precisam ser tão responsáveis quanto as mães nos cuidados com os filhos. As responsabilidades devem ser compartilhadas", diz a dirigente sindical e funcionária do BB Adriana Ferreira.

Licença-paternidade – Outra conquista dos bancários, no sentido de promover a responsabilidade compartilhada na criação dos filhos, foi a ampliação da licença-paternidade para 10 dias, nos primeiros 20 dias de vida da criança, até o fim de 2016. Já em 2017, com o anúncio do benefício fiscal pelo governo, este período será ampliado para 20 dias.

Assédio moral – Em 2017, serão disponibilizadas, no mínimo, 30 turmas da oficina *Mediação: Práticas Restaurativas* aos gestores, visando disseminar a cultura da comunicação não violenta e das práticas restaurativas na instituição, combatendo o assédio moral a partir da capacitação dos profissionais que exercem cargos de chefia.

MULHERES

"Além desses avanços, a partir das discussões realizadas na mesa específica de ascensão profissional, neste ano conquistamos o compromisso do BB em ampliar a inclusão de mulheres em cargos de direção. Essa importante conquista será acompanhada na mesa de igualdade de oportunidades, a partir de dados que serão fornecidos pelo banco", diz Adriana.

CAMPANHA NACIONAL DOS BANCÁRIOS DE 2016, VITÓRIAS EM AMBIENTE HOSTIL

Saímos de 31 dias de greve, uma das maiores da história, com saldo positivo. Mantivemos nossas conquistas, preservamos as negociações unificadas, a convenção coletiva nacional e garantimos aumento real para o próximo ano, quando a crise econômica e os ataques aos direitos dos trabalhadores tendem a se aprofundar.

A força do movimento não conseguiu repor a inflação, mas a anistia total dos dias de greve foi importantíssima para proteger quem de fato lutou e fez greve. O abono das horas de greve é uma conquista que pode servir de paradigma a outras categorias, que raramente conseguem impedir o desconto dos dias parados no salário.

A greve é instrumento de luta para ser utilizado quando existe conflito e o acordo não se resolve pela negociação. Não podemos fazer a greve pela greve, como querem algumas correntes minoritárias do movimento sindical. É preciso bom senso e saber a hora de parar, preservar os militantes e se fortalecer para as lutas futuras. Categorias que, induzidas por suas lideranças, quiseram ir até as últimas consequências acabaram amargando demissões, descontos de dias parados e desmobilização.

Em São Paulo, assim como em outros estados e cidades, a greve no BB começou forte em alguns setores de grande concentração de funcionários, com adesão de mais de 80% dos bancários desses locais. De início, poucos funcionários de agências paralisaram. Mas, à medida que a Fenaban e o BB não mudavam sua proposta e desrespeitavam os trabalhadores, várias agências e a gerência média começaram a aderir.

Houve regiões em que companheiros de agências e da gerência média acompanharam o Sindicato e foram convencer colegas de outros locais a aderir ao movimento. As pessoas foram se convencendo que não bastava o ato individual do "eu estou em greve". Era preciso ampliar a paralisação para forçar os banqueiros a melhorar a proposta.

No 31º dia a greve estava forte, mas muitos dos que tinham aderido desde o primeiro dia começaram a pensar em voltar ao trabalho, preocupados com o desconto dos dias parados e com as suas responsabilidades como funcionários. Para evitar a volta desorganizada e a pressão que o banco poderia fazer individualmente, Contraf e sindicatos foram firmes e defenderam a anistia total dos dias parados para preservar quem lutou.

A luta continua e precisamos nos fortalecer para os próximos anos. A conjuntura de ajuste fiscal, crise econômica e de ataques aos direitos dos trabalhadores que o governo tem intenção de fazer vai exigir muita organização e luta de todos nós.

O saldo de participação foi importante. Foi um bom aprendizado para muitos colocar o sentimento de coletividade acima do individualismo. Em vez do "eu estou em greve e fiz minha parte" construímos o "estamos em greve e vamos convencer os colegas".

JOAO LUIZ FUKUNAGA
Dirigente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região
Integrante da Comissão de Empresa dos Funcionários do Banco do Brasil pela Fetec-CUT/SP

TEMER ATACA BANCO DO BRASIL E SEUS FUNCIONÁRIOS

Logo depois que órgãos de imprensa divulgaram boatos falando da intenção do governo de demitir milhares de funcionários do BB, o presidente golpista Michel Temer afirmou em entrevista que houve um "número infindável de contratações no Banco do Brasil" e que pretende "cortar uma porção de cargos e funções que lá existem e que são absolutamente desnecessários".

Imitando outro ex-presidente de triste memória, que chamou os aposentados de vagabundos, Temer classifica todos os funcionários do BB e em particular os comissionados, gerentes e integrantes da gerência média de inúteis e desnecessários. Uma afronta aos bancários que se esforçam diariamente para fazer o banco crescer e servir à população brasileira.

Se Temer não sabe, se está mal intencionado ou mal assessorado, não custa lembrar a ele alguns dados sobre o Banco do Brasil:

- O BB tinha, no final de 2015, 63 milhões de clientes, 20% de participação no mercado, 61% de todas as operações de crédito para o agronegócio no Brasil, 21% das operações de crédito do sistema financeiro nacional e R$ 1,4 trilhão de ativos totais. É disparado o maior banco do Brasil.
- O BB tinha 120 mil funcionários em 1995. FHC demitiu e cortou 41 mil, reduzindo a 79 mil em 2002. Em 2015, o BB chegou a 110 mil funcionários. Só que, nesse período, os clientes aumentaram de 15,4 milhões em 2002 para 63 milhões em 2015. Com o trabalho dos "desnecessários", o BB quadruplicou sua base de clientes.
- Em 1995, o BB tinha 14,7% das operações de crédito brasileiras. Em oito anos de ataques do governo FHC, o banco terminou 2002 com 15,1% do mercado. De 2003 a 2015 o BB voltou a crescer e chegou a 20,6% das operações em 2015, nos anos Lula e Dilma.
- De 1995 a 2002, o BB acumulou prejuízo de R$ 5,4 bilhões, fruto da política de desvalorização da empresa e de seus trabalhadores, feita por FHC. De 2003 a 2015, o banco e seus funcionários foram valorizados e o lucro acumulado foi de R$ 117 bilhões, resultando em dividendos e retorno para o governo e a sociedade brasileira.

Esses números comprovam que o banco cresce e se fortalece quando seu controlador, o governo, não trabalha contra ele. Temer precisa aprender que os 110 mil funcionários do BB são valorosos, dedicados, competentes e precisam ser valorizados. Atacar os funcionários é atacar o banco.

As entidades sindicais não vão admitir ataques como esses, que têm a clara intenção de enfraquecer o banco, destruir sua imagem e desvalorizar os trabalhadores. Temer quer, com isso, reduzir a participação do BB no mercado e abrir espaço para os bancos privados ou, então, preparar o BB para a privatização.

Se for essa a sua intenção, estamos preparados para defender o BB como empresa pública e exigir respeito para com o funcionalismo.

COMISSÃO DE EMPRESA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

O Espelho
Sindicato dos Bancários e Financiários de São Paulo, Osasco e Região
Presidenta: Juvandia Moreira • **Redação:** Felipe Rousselet • **Diagramação:** Fabiana Tamashiro • **Sindicato:** R. São Bento, 413, Centro-SP, CEP 01011-100, tel. 3188-5200 • **Regionais: Paulista:** R. Carlos Sampaio, 305, tel. 3284-7873/3285-0027 (Metrô Brigadeiro) **Norte:** R. Banco das Palmas, 288, Santana, tel. 2979-7720 (Metrô Santana) **Sul:** Av. Santo Amaro, 5914, Brooklin, tel. 5102-2795 • **Leste:** R. Icem, 31, tel. 2293-0765/2091-0494 (Metrô Tatuapé) • **Oeste:** R. Benjamin Egas, 297, Pinheiros, tel. 3836-7872 **Centro:** Rua São Bento, 413, tel. 3188-5295 • **Osasco e região:** R. Presidente Castello Branco, 150, tel. 3682-3060/3685-2562.